

UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO  
pelo *The New York Times*

NOAH HAWLEY  
**ANTES**  
DA  
**QUEDA**



**ANTES  
DA  
QUEDA**



NOAH HAWLEY

**ANTES  
DA  
QUEDA**

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2016 by Noah Hawley

TÍTULO ORIGINAL

Before the Fall

REVISÃO

Laís Curvão

Guilherme Semionato

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Anne Twomey

FOTOGRAFIA

Moof/Cultura/Aurora Photos

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H325a

Hawley, Noah, 1967-

Antes da queda / Noah Hawley ; tradução Carolina Selvatici. – 1. ed.

– Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: Before the fall

ISBN: 978-85-510-0112-7

1. Romance americano. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

17-39231

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Kyle*





**UM AVIÃO PARTICULAR** está parado em uma pista de Martha's Vineyard, em Massachusetts, Estados Unidos, as escadas da frente abertas. É um OSPRY 700SL com nove assentos, construído em 2001 em Wichita, no Kansas. É difícil dizer com certeza de quem é o avião. Ele está registrado como propriedade de uma *holding* holandesa com endereço de correspondência nas Ilhas Cayman, mas a logomarca na fuselagem é da GULLWING AIR. O piloto, James Melody, é britânico. Charlie Busch, o copiloto, é de Odessa, no Texas. A comissária de bordo, Emma Lightner, nasceu em Mannheim, na Alemanha, filha de um tenente da Força Aérea dos Estados Unidos e de sua esposa adolescente. Eles se mudaram para San Diego quando Emma tinha nove anos.

Todos têm o próprio caminho. Escolhas feitas. O modo como duas pessoas acabam no mesmo lugar no mesmo instante é um mistério. Entramos em um elevador com uma dezena de desconhecidos. Andamos de ônibus, esperamos na fila do banheiro. Isso acontece todos os dias. Tentar prever os lugares em que estaremos e as pessoas que vamos conhecer seria inútil.

Um brilho suave de lâmpadas emana da cabine dianteira envidraçada. Nada parecido com o violento clarão fluorescente que vemos nos aviões comerciais. Em duas semanas, em uma entrevista à *New York Magazine*, Scott Burroughs vai dizer que a coisa que mais o surpreendeu naquela primeira viagem em um jatinho não foi o espaço interno nem o bar cheio, mas o quanto a decoração parecia personalizada, como se, ao se alcançar determinado nível de renda, as viagens aéreas fossem apenas outra maneira de estar em casa.

É uma noite quente e agradável em Martha's Vineyard, trinta graus com ventos leves, vindos do sudoeste. A partida está marcada para as vinte e duas horas. Nas últimas três horas, uma pesada névoa costeira se formou sobre o golfo, e tentáculos de um nevoeiro branco e denso começaram a se arrastar lentamente pelo asfalto iluminado.

A família Bateman é a primeira a chegar, no Range Rover que mantém na ilha: David, o pai, Maggie, a mãe, e Rachel e J.J., seus dois filhos. É fim de agosto e Maggie e as crianças ficaram o mês todo na cidade; David vinha de Nova York nos fins de semana. Apesar de querer se afastar do trabalho por mais tempo, é difícil para ele fazer isso. David trabalha no ramo de entretenimento — na verdade, hoje em dia, é assim que as pessoas que trabalham no setor chamam os telejornais. Um circo romano de informação e opinião.

Ele é um homem alto e tem uma voz intimidadora ao telefone. Ao conhecerem David, as pessoas geralmente ficam impressionadas com o tamanho de suas mãos. J.J. dormiu no carro e, enquanto os outros se encaaminham até o avião, David se inclina sobre o banco de trás e, com cuidado, tira o filho do assento, segurando todo o peso do menino com um dos braços. J.J. instintivamente passa os braços em volta do pescoço do pai, a boca aberta enquanto dorme. O calor de sua respiração faz um arrepio descer pela coluna de David. Ele pode sentir os ossos do quadril do filho na palma da mão, as pernas dele derramadas na lateral de seu corpo. Aos quatro anos, J.J. tem idade suficiente para saber que as pessoas morrem, mas ainda é jovem demais para entender que um dia ele será uma delas. David e Maggie o chamam de máquina de movimento perpétuo, porque ele não para. Aos três anos, o menino basicamente se comunicava rugindo como um dinossauro. Agora ele é o rei das interrupções e questiona cada palavra dos pais com uma paciência aparentemente interminável até que escute uma resposta ou que alguém o mande calar a boca.

David fecha a porta com o pé, o peso do filho tirando seu equilíbrio. Está segurando o telefone próximo ao ouvido com a mão livre.

— Diga a ele que, se falar uma palavra sobre isso — afirma, baixinho, para não acordar o menino —, a gente vai entrar com um processo de proporções bíblicas contra ele. Advogados vão cair em cima dele.

Aos cinquenta e seis anos, David ostenta uma camada pesada de gordura em torno do corpo, como um colete à prova de balas. Tem um queixo

forte e cabelo volumoso. Nos anos 1990, David ficou famoso coordenando campanhas políticas — governadores, senadores e um presidente duas vezes eleito —, mas se aposentou em 2000 para se tornar um lobista com um escritório na rua K. Dois anos depois, um bilionário idoso o havia procurado com a ideia de criar um canal de notícias vinte e quatro horas. Treze anos e treze bilhões de lucro depois, David tem um escritório com janelas à prova de bombas em uma cobertura e acesso ao jatinho da empresa.

Ele não consegue passar tempo suficiente com os filhos. David e Maggie concordam quanto a isso, apesar de brigarem por esse motivo com frequência. O que significa que ela traz o assunto à tona e ele fica na defensiva, apesar de, no fundo, sentir a mesma coisa. Mas não seria isso o casamento: duas pessoas brigando pelo direito aos mesmos quinze centímetros de terra?

No asfalto, uma rajada de vento sopra. David, ainda ao telefone, olha para Maggie e dá um sorriso que diz *Estou feliz por estar aqui com você*. Diz *Eu te amo*. Mas também diz *Eu sei que estou no meio de outro telefonema de trabalho e preciso que você não se irrite com isso*. O sorriso diz *O que importa é que estou aqui e que estamos todos juntos*.

É um sorriso que pede desculpas, mas também há algo de forte nele.

Maggie sorri de volta, mas de um jeito mais casual, mais triste. A verdade é que ela não sabe mais dizer quando vai conseguir perdoá-lo e quando não vai.

Estão casados há menos de dez anos. Maggie tem trinta e seis anos e é ex-professora de pré-escola, a moça bonita que habita as fantasias dos meninos mesmo antes que eles entendam o que isso significa — uma fixação por seios compartilhada por crianças e adolescentes. A Srta. Maggie, como era chamada, era alegre e amorosa. Chegava cedo todo dia, às seis e meia, para arrumar tudo. Ficava até mais tarde para escrever relatórios e preparar as aulas. A Srta. Maggie era uma jovem de vinte e seis anos de Piedmont, na Califórnia, que adorava dar aulas. Adorava. Era o primeiro adulto que aquelas crianças de três anos conheciam que as levava a sério, que ouvia o que tinham a dizer e fazia com que se sentissem maduras.

Foi o destino, se podemos chamar assim, que pôs Maggie e David no mesmo salão de festas do Waldorf Astoria em uma noite de quinta-feira no início da primavera de 2005. Era um baile de gala beneficente para um fundo educacional. Maggie estava lá com uma amiga. David fazia parte da diretoria do fundo. Ela era a beleza humilde em um vestido floral e

tinha uma mancha de tinta guache azul atrás do joelho direito. Ele era o executivo charmoso em um terno de dois botões. Ela não era a mulher mais nova da festa, nem mesmo a mais bonita, mas era a única com giz na bolsa, a única que sabia construir um vulcão de papel machê e tinha um chapéu listrado do *Gatola da cartola*, que usava todo ano no trabalho, no dia do aniversário do Dr. Seuss. Em outras palavras, era tudo que David queria em uma esposa. Ele pedira licença e se aproximara, sorrindo com suas próteses dentárias perfeitas.

Pensando agora, ela nunca tivera como escapar.

Dez anos depois, eles têm dois filhos e uma casa em Gracie Square. Rachel, de nove anos, estuda em Brearley com outras cem meninas. Maggie, hoje aposentada, cuida de J.J., o que a torna diferente das outras mulheres de sua classe social — as donas de casa tranquilas, esposas de milionários workaholics. Quando leva o filho para passear de manhã, é a única mãe no parquinho. Todas as outras crianças chegam em carrinhos de design europeu, empurrados por babás ao celular.

Agora, na pista do aeroporto, Maggie sente um arrepio e aperta mais o cardigã em torno do corpo. Os tentáculos do nevoeiro se tornaram ondas que rolam lentamente e se unem no asfalto com uma paciência glacial.

— Tem certeza de que é seguro voar nisso? — pergunta ela para as costas do marido.

Ele já alcançou o topo da escada, onde Emma Lightner, a comissária de bordo, em um terninho azul bem cortado, o recebe com um sorriso.

— Vai dar tudo certo, mãe — diz Rachel, de nove anos, andando atrás de Maggie. — Eles não precisam enxergar para fazer o avião voar.

— Eu sei, eu sei.

— Eles têm instrumentos.

Maggie abre um sorriso compreensivo para a filha. Rachel está carregando sua mochila verde — com um exemplar de *Jogos Vorazes*, suas Barbies e seu iPad — que bate ritmicamente na lombar da menina enquanto ela caminha. Está muito grande. Mesmo aos nove anos, já exhibe sinais da mulher que vai se tornar. Uma professora que espera pacientemente que você descubra seus próprios erros. Em outras palavras, a pessoa mais inteligente que você vai encontrar, mas não alguém que se exhibe, nunca, alguém de bom coração e risada melodiosa. A questão é: será que são qualidades que tem desde que nasceu ou foram semeadas nela pelo que aconteceu? O verdadei-

ro crime de sua infância? Em algum lugar on-line, toda a saga está registrada em palavras e imagens — filmagens arquivadas no YouTube, centenas de horas de trabalho de repórteres guardadas na grande memória coletiva feita de zeros e uns. Um repórter da *New Yorker* quisera fazer um livro sobre aquilo no ano anterior, mas David havia abafado a história sem criar escândalo. Rachel é apenas uma criança, no fim das contas. Às vezes, quando pensa no que podia ter dado errado, Maggie teme que seu coração se parta ao meio.

Instintivamente, ela olha para o Range Rover, onde Gil se comunica por rádio com a equipe avançada. Gil é a sombra deles, um israelense enorme que nunca tira o paletó. É o que pessoas do nível social deles chamam de *segurança particular*. Um metro e oitenta e oito de altura, oitenta e seis quilos. Existe um motivo para ele nunca tirar o paletó, um motivo que não é discutido por pessoas educadas. É o quarto ano de Gil com a família Bateman. Antes de Gil, eles tinham Misha e, antes de Misha, toda uma equipe de homens mal-humorados de terno, que carregavam armas automáticas no porta-malas do carro. Quando era professora, Maggie zombava daquele tipo de intrusão militar na vida das famílias. Dizia que era narcisismo pensar que o dinheiro os tornava alvos da violência. Mas isso havia sido antes dos acontecimentos de julho de 2008, antes do sequestro da filha e dos três dias agonizantes que tinham sido necessários para recuperá-la.

Ao pé da escada, Rachel se vira e dá um falso aceno de princesa para a pista vazia. Está usando um casaco azul de *fleece* sobre o vestido e o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo. Apenas alguns sinais meio escondidos indicam que Rachel foi afetada por aqueles três dias: um medo de cômodos pequenos, certo tremor perto de homens desconhecidos. Por outro lado, Rachel sempre foi uma criança feliz, uma brincalhona com um sorriso esperto. E, apesar de não saber como, Maggie agradece todos os dias por sua filha não ter perdido isso.

— Boa noite, Sra. Bateman — cumprimenta Emma quando Maggie chega ao topo da escada do avião.

— Oi, obrigada — responde Maggie, por reflexo.

Ela sente a costumeira necessidade de pedir desculpas pela riqueza deles — não necessariamente a do marido, mas a sua própria, pela enorme incongruência daquilo. Não faz muito tempo, ela era professora de pré-escola e morava em um prédio de seis andares sem elevador, com duas garotas más, como a Cinderela.

— O Scott já chegou? — pergunta.

— Não, senhora. Vocês foram os primeiros a chegar. Abri uma garrafa de pinot gris. A senhora gostaria de uma taça?

— Agora não, obrigada.

O interior do jatinho é uma discreta declaração de luxo. Paredes curvas cobertas com painéis de madeira finos. Os assentos são de couro cinza e distribuídos de forma casual, em pares, como se sugerissem que a pessoa aproveitaria mais o voo com uma companhia. O interior é dominado por um silêncio elegante, como o de uma biblioteca presidencial. Apesar de já ter viajado daquela maneira muitas vezes, Maggie não consegue se reconciliar com o privilégio daquilo. Um avião inteiro para eles.

David põe o filho em um dos assentos e o cobre com uma manta. Já está em outra ligação e esta é claramente importante. Maggie percebe pela contração de seu maxilar. Abaixo dele, o menino se remexe no assento, mas não acorda.

Rachel vai até a cabine conversar com os pilotos. É algo que faz aonde quer que vá: procura a autoridade local e a enche de perguntas. Maggie vê Gil à porta da cabine, vigiando a menina de nove anos. Ele carrega, além de uma pistola, uma arma de choque e algemas de plástico. É o homem mais silencioso que Maggie já conheceu.

Com o telefone no ouvido, David aperta de leve o ombro da esposa.

— Está animada para voltar para casa? — pergunta ele, cobrindo o bocal com a outra mão.

— Mais ou menos — responde ela. — É tão gostoso aqui.

— Você pode ficar. Quer dizer, temos aquele negócio no fim de semana que vem, mas, tirando isso, por que não?

— Não — diz ela. — As crianças têm aula e eu tenho aquela reunião da diretoria do museu na quinta.

Ela sorri para ele e complementa:

— Não dormi muito bem — explica. — Só estou cansada.

Os olhos de David se fixam em algo sobre o ombro de Maggie. Ele franze o cenho.

Maggie se vira. Ben e Sarah Kipling estão parados no topo da escada. São um casal rico, mais amigos de David do que dela. Mesmo assim, Sarah solta um gritinho quando vê Maggie.

— Querida! — exclama, abrindo os braços.

Sarah dá um abraço em Maggie, enquanto a comissária espera, sem jeito, atrás delas, segurando uma bandeja com bebidas.

— Adorei seu vestido — diz Sarah.

Ben passa pela esposa e chega até David, apertando sua mão vigorosamente. Ele é sócio de uma das quatro grandes empresas de Wall Street, um ferrenho negociante de olhos azuis, em uma camisa azul justa e short branco com cinto.

— Você viu a bosta daquele jogo? — pergunta. — Como é que ele não pegou aquela bola?

— Nem me fale — responde David.

— Até eu poderia ter pegado aquela bola e sou o maior mão de alface do mundo.

Os dois estão de pé, as pontas dos pés encostadas, em uma postura falsa, dois grandes cervos batendo galhadas só pelo amor à luta.

— Ele não viu a bola por causa dos holofotes — afirma David, antes de sentir o telefone vibrar.

Ele confere o aparelho, franze o cenho e digita uma resposta. Ben olha rapidamente para trás e sua expressão fica mais séria. As mulheres estão conversando. Ele se aproxima de David.

— A gente tem que conversar, companheiro.

David o afasta, ainda digitando.

— Agora não.

— Tentei ligar para você — diz Kipling.

Ele começa a falar, mas Emma surge com as bebidas.

— Glenlivet com gelo, se não me engano — afirma ela, entregando um copo a Ben.

— Você é muito gentil — elogia ele, antes de virar metade do uísque de uma só vez.

— Só água para mim — pede David, enquanto Emma tira um copo de vodca da bandeja.

— Claro — responde ela, sorrindo. — Já volto.

A alguns passos dali, Sarah Kipling já esgotou seu estoque de conversa fiada. Ela dá um leve apertão no braço de Maggie.

— Como você está? — pergunta com sinceridade e pela segunda vez.

— Ah, estou bem — responde Maggie. — É só que... Dia de viagem, sabe? Vou ficar feliz quando a gente chegar em casa.

— Eu sei. Quer dizer, eu adoro a praia, mas sinceramente? Fico tão entediada. Não dá para passar os dias assistindo ao pôr do sol sem querer, sei lá, ir até a Barneys.

Maggie olha nervosamente para a porta aberta. Sarah percebe.

— Está esperando alguém?

— Não. Quer dizer, acho que vamos ter outro passageiro, mas...

A filha a interrompe.

— Mãe — diz Rachel de seu assento —, não esqueça que amanhã é a festa da Tamara. A gente ainda tem que comprar um presente.

— Está bem — responde Maggie, distraída. — Vamos à Dragonfly de manhã.

Ao olhar para a filha, Maggie nota David e Ben aconchegados conversando. David não parece contente. Ela poderia perguntar a ele depois, mas o marido tem estado azedo e a última coisa que ela quer é uma briga.

A comissária passa por ela e entrega a água a David.

— Quer limão? — pergunta.

David faz que não com a cabeça. Ben esfrega a careca, nervoso. Ele olha para a cabine.

— Estamos esperando alguém? — pergunta. — Vamos logo com isso.

— Mais uma pessoa — afirma Emma, olhando para a lista de passageiros. — Scott Burroughs?

Ben olha para David e pergunta:

— Quem?

David dá de ombros.

— A Maggie fez um amigo — explica.

— Ele não é meu amigo — diz ela, ao ouvir aquilo. — Quer dizer, as crianças o conhecem. Encontramos com ele na feira hoje de manhã. Ele disse que tinha que ir para Nova York, então o convidamos para vir conosco. Acho que ele é pintor. — Ela olha para o marido. — Mostrei algumas obras dele para você.

David confere o relógio.

— Você avisou que íamos sair às dez? — pergunta David.

Ela assente.

— Bom — diz ele, sentando-se —, mais cinco minutos e ele vai ter que pegar a balsa como todo mundo.



Pela janela arredondada, Maggie vê o comandante parado na pista, examinando a asa. Ele observa o alumínio liso, depois anda lentamente até o avião.

Atrás dela, J.J. se remexe, a boca aberta. Maggie ajeita a manta que o cobre, depois dá um beijo na testa do filho. Ele sempre parece tão preocupado quando dorme, pensa.

Por sobre as costas do assento, ela vê o piloto voltar para o avião. Ele vem cumprimentá-los, um homem do tamanho de um jogador de futebol americano e compleição de militar.

— Senhores, senhoras. Bem-vindos. Deve ser um voo curto. Um pouco de vento, mas, tirando isso, a viagem vai ser bem tranquila.

— Vi você ali fora — afirma Maggie.

— Inspeção de rotina — explica ele. — Faça isso antes de todos os voos. O avião está ótimo.

— E a neblina? — pergunta Maggie.

A filha revira os olhos.

— A neblina não é problema para uma máquina sofisticada como esta — diz o piloto. — Quando chegarmos a uns duzentos metros de altitude, já vamos ter nos livrado dela.

— Então vou comer um pouquinho desse queijo — afirma Ben. — Que tal a gente colocar uma musiquinha? Ou ligar a TV? Acho que o Boston está jogando contra o White Sox.

Emma vai procurar o jogo no sistema de entretenimento do avião. Faz-se um longo período de silêncio enquanto todos se sentam ou guardam seus pertences. Na cabine, os pilotos fazem a checagem dos instrumentos.

O telefone de David vibra outra vez. Ele o confere e franze o cenho.

— Está bem — diz, ficando impaciente. — Acho que já esperamos esse pintor muito tempo.

Ele faz um sinal para Emma, que vai fechar a porta principal. Na cabine, como por telepatia, o piloto liga os motores. A porta da frente está quase fechada quando todos ouvem o grito de um homem:

— *Esperem!*

O avião balança quando o último passageiro sobe a escada. Sem querer, Maggie se sente ruborizar, um frio de ansiedade na barriga. E lá está ele, Scott Burroughs, quarenta e poucos anos, o rosto vermelho e sem fôlego.

Tem o cabelo desgrenhado e um pouco grisalho, mas a pele de seu rosto é lisa. Há manchas de guache cor de gelo e azul-celeste em seus velhos Keds brancos. Traz uma bolsa de ginástica verde suja pendurada em um dos ombros. Seu rosto ainda tem o vigor da juventude, mas as rugas em torno dos olhos são profundas e merecidas.

— Desculpem — reage ele. — O táxi demorou uma eternidade. Acabei pegando um ônibus.

— Bom, você chegou — responde David, indicando com a cabeça que o copiloto feche a porta. — É isso que importa.

— Posso pegar sua mala, senhor? — pergunta Emma.

— Oi? — reage Scott, momentaneamente assustado com a aproximação furtiva da comissária. — Não. Pode deixar.

Ela indica um assento vazio para ele. Enquanto vai até a cadeira, Scott observa o interior do avião pela primeira vez.

— Caramba! — exclama.

— Ben Kipling — apresenta-se Ben, erguendo-se para apertar a mão de Scott.

— Fala — responde Scott. — Scott Burroughs.

Ele nota Maggie.

— Oi — cumprimenta, abrindo um sorriso largo e caloroso para ela. — Mais uma vez, obrigado.

Maggie também sorri, ruborizando.

— Não foi nada — diz. — Tinha lugar.

Scott despenca no assento ao lado de Sarah. Antes mesmo que consiga pôr o cinto de segurança, Emma entrega uma taça de vinho a ele.

— Ah. Não, obrigado. Eu não... Talvez um copo d'água?

Emma sorri e se afasta.

Scott olha para Sarah.

— É fácil se acostumar com isso aqui, hein?

— Isso é uma grande verdade — afirma Kipling.

O motor ronca e Maggie sente o avião começar a se mover. A voz do comandante Melody soa pelos alto-falantes.

— Senhoras e senhores, por favor, preparem-se para a decolagem.

Maggie olha para os dois filhos: Rachel sentada sobre uma das pernas dobradas, escolhendo uma música no telefone, e o pequeno J.J. dormindo, encolhido, de boca aberta, embalado por uma tranquilidade infantil.

## ANTES DA QUEDA

Assim como em outros milhares de momentos aleatórios todos os dias, Maggie é tomada por uma onda de amor materno, crescente e desesperado. Aquelas crianças são sua vida. Sua identidade. Ela estende a mão mais uma vez para ajeitar a cobertura sobre o filho, e, no mesmo instante, a gravidade parece parar de agir quando as rodas do avião deixam a pista. Aquele ato de esperança impossível, aquela suspensão rotineira das leis da física que mantêm os homens no chão inspira e assusta Maggie. Voando. Estão voando. E, enquanto voam, em meio à névoa branca, conversando e rindo, embalados por músicas dos anos 1950 e pela narração do jogo de beisebol, nenhum deles imagina que, dezesseis minutos depois, o avião vai cair no mar.



**1.**



**AOS SEIS ANOS,** Scott Burroughs fez uma viagem para São Francisco com a família. Eles passaram três dias em um hotel perto da praia: Scott, os pais e a irmã June, que, mais tarde, morreria afogada no Lago Michigan. A cidade estava fria e encoberta pela neblina naquele fim de semana, largas avenidas se desenrolando feito línguas até a água. Scott lembra que o pai pediu patas de caranguejo em um restaurante e que, quando chegaram, eram monstruosas, do tamanho de galhos de árvores. Como se eles fossem o alimento dos caranguejos e não o contrário.

No último dia da viagem, o pai de Scott pôs toda a família em um ônibus que levava ao Fisherman's Wharf. Scott — vestindo uma calça velha de veludo cotelê e uma camiseta listrada — se ajoelhou no banco de plástico curvo e observou o estuque plano e largo do Sunset District se transformar nas colinas de concreto e casas vitorianas que cobriam as ladeiras íngremes. Eles foram ao Museu Acredite Se Quiser e posaram para uma caricaturista: uma família de quatro enormes cabeças lado a lado, equilibrando-se em monociclos. Depois, pararam e observaram as focas esparramadas sobre as docas encharcadas. A mãe de Scott, com brilho nos olhos, apontou para os bandos de gaivotas de asas brancas. Eles eram pessoas presas à terra. Para Scott, era como se tivesse feito uma viagem de espaçonave para um planeta distante.

No almoço, comeram salsichões e tomaram Coca-Cola de enormes e divertidos copos de plástico. Ao entrar no Parque Aquático, viram que uma multidão havia se reunido. Dezenas de pessoas olhavam para o norte e apontavam na direção de Alcatraz.

A baía tinha um tom cinzento de ardósia naquele dia e as colinas de Marin emolduravam a hoje desativada ilha-prisão como os ombros de um guarda. À esquerda, a Golden Gate era um gigante laranja turvo com vigas decapitadas pela névoa do fim da manhã.

Scott viu um grupo de pequenos barcos descrevendo círculos pela água.  
— Alguém fugiu? — perguntou o pai de Scott em voz alta para ninguém.

A mãe de Scott franziu o rosto e sacou um folheto de informações. Pelo que ela sabia, disse, a prisão estava fechada. A ilha era só uma atração turística.

O pai de Scott deu uma batidinha no ombro do homem ao seu lado.

— O que estamos olhando? — perguntou.

— Ele está nadando de Alcatraz para cá — explicou o homem.

— Quem?

— O cara dos exercícios. Como é que é o nome dele? Jack LaLanne. É um desses desafios. Ele está algemado e puxando um barco.

— Como assim, puxando um barco?

— Com uma corda. Ouvei no rádio. Está vendo aquele barco ali? O grande? Ele tem que arrastar aquele troço até aqui.

O homem balançou a cabeça, como se, de repente, o mundo tivesse enlouquecido.

Scott subiu até um degrau mais alto, de onde pudesse ver por cima dos adultos. De fato, havia um grande barco na água, a ponta voltada para a praia. Estava cercado por uma frota de embarcações menores. Uma mulher se abaixou e cutucou o braço de Scott.

— Tome — disse, sorrindo. — Dê uma olhada.

Ela entregou-lhe um binóculo pequeno. Pelas lentes, ele via apenas que havia um homem na água, usando uma toca de natação bege. Seus ombros estavam nus. Ele nadava dando saltos para a frente, como uma sereia.

— A corrente é forte para caramba ali — disse o homem ao pai de Scott. — Sem contar que a água deve estar, tipo, uns quatorze graus. Existe um motivo para ninguém nunca ter fugido de Alcatraz. Além disso, há os tubarões. Acho que o cara tem uns vinte por cento de chance de conseguir.

Pelo binóculo, Scott viu que as lanchas que cercavam o nadador estavam cheias de homens uniformizados. Eles carregavam rifles e observavam o mar.



Na água, o nadador erguia os braços e saltava para a frente. Tinha os pulsos amarrados e estava concentrado na praia. Sua respiração era regular. Se tinha consciência dos policiais ou do risco de um ataque de tubarão, não demonstrava. Jack LaLanne, o homem mais em forma do mundo. Faria sessenta anos em cinco dias. Sessenta anos. A idade em que qualquer pessoa de bom senso reduz o ritmo, põe as pernas para o ar e deixa algumas coisas de lado. No entanto, como Scott ficaria sabendo mais tarde, a disciplina de Jack transcendia a idade. Ele era uma ferramenta criada para completar uma tarefa, uma máquina de superação. Em torno da cintura, a corda parecia um tentáculo querendo puxá-lo para as profundezas frias e escuras, mas ele não prestava atenção nela, como se, ao ignorar o peso que estava carregando, pudesse retirar a força dele. De qualquer maneira, Jack já estava acostumado com aquela corda. Em casa, ele se amarrava à lateral da piscina e nadava sem sair do lugar trinta minutos por dia, além de levantar pesos por noventa minutos e correr por mais meia hora. Ao se olhar no espelho depois, Jack não deparava com um homem mortal. Via um ser de energia pura.

Ele já percorrera aquele trecho a nado, em 1955. Alcatraz ainda era uma prisão na época, uma rocha fria de penitência e punição. Jack tinha quarenta e um anos, um jovem já famoso pela boa forma. Ele tinha um programa de TV e academias de ginástica. Toda semana, aparecia em preto e branco, usando seu macacão característico e extremamente justo, os bíceps inchados. De vez em quando, sem avisar, ele se jogava no chão e pontuava seus conselhos fazendo cem flexões de braço apoiado na ponta dos dedos.

Frutas e legumes, dizia. Proteína, exercícios.

Na emissora NBC, às segundas-feiras às oito, Jack passava o segredo da vida eterna. Só era preciso ouvir. Rebocando o barco, ele se lembrou daquele primeiro desafio. Muitos tinham dito que não podia ser completado, um percurso de três quilômetros e duzentos metros contra fortes correntes marítimas em uma água a doze graus, mas Jack o percorrera em pouco menos de uma hora. Então, dezenove anos depois, estava de volta, mãos amarradas e pernas atadas, com um barco de quase meia tonelada preso à cintura.

Em sua mente não havia barco. Não havia corrente. Não havia tubarões. Só havia sua força de vontade.

— Pergunte ao pessoal que faz triatlo — diria ele depois — se há limites para o que pode ser feito. O limite está bem aqui, na sua cabeça. É

preciso estar em forma entre as orelhas. Os músculos não sabem de nada. Têm que ser ensinados.

Jack era o garoto fracote cheio de espinhas que se entupia de doces, o menino que um dia enlouquecera de tanto comer açúcar e tentara matar o irmão com um machado. Então, teve uma epifania, a decisão definitiva. Rápida como um relâmpago. Ele ia usar todo o potencial de seu corpo. Ia se reconstruir completamente e, ao fazer isso, mudaria o mundo.

Dessa forma, um Jack gordinho e viciado em açúcar inventara os exercícios. Tornara-se o herói que conseguia fazer mil polichinelos e mil flexões na barra fixa em noventa minutos. O músculo que treinava para fazer mil e trinta e três flexões em vinte minutos subindo uma corda de sete metros e meio de comprimento, com sessenta e três quilos de peso presos à cintura.

As pessoas o abordavam aonde quer que ele fosse. Era o início da era da televisão. Ele era um cientista, um mágico, um deus.

— Não posso morrer — dizia Jack às pessoas. — Isso acabaria com minha imagem.

Naquele instante, na água, ele saltava para a frente usando a pernada de borboleta que havia inventado. Via a praia, câmeras de telejornais reunidas à beira d'água. A multidão havia aumentado, espalhando-se pelos degraus curvos. A esposa de Jack, Elaine, estava entre aquelas pessoas, uma ex-bailarina aquática que fumava sem parar e sobrevivia à base de donuts antes de conhecer Jack.

— Lá está ele — disse alguém, apontando.

Um homem de sessenta anos puxando um barco.

Algemado. Com os pés amarrados. Ele era Houdini, mas sem tentar escapar. Se Jack seguisse sua vontade, ficaria preso àquele barco para sempre. Acrescentaria um novo barco à corda todos os dias até que estivesse puxando o mundo inteiro. Até que estivesse carregando todos nós em suas costas, em direção a um futuro em que o potencial humano fosse ilimitado.

A idade é um estado de espírito, dizia ele às pessoas. Aquele era o segredo. Ele terminaria aquele trajeto e saltaria para fora da água. Comemoraria pulando, como um boxeador depois de um nocaute. Talvez até se jogasse no chão e fizesse cem flexões. Ele se sentia bem a esse ponto. Na idade de Jack, a maioria dos homens estava curvada, reclamando de dor nas costas. Nervosos com o fim. Mas não Jack. Quando fizesse setenta

anos, ele nadaria por setenta horas puxando setenta barcos com setenta pessoas em cada um. Quando completasse cem anos, o país seria rebatizado com seu nome. Ele acordaria toda manhã com uma ereção de ferro até o fim dos tempos.

Na praia, Scott ficou na ponta dos pés e olhou para a água. Tinha se esquecido dos pais. Do almoço do qual não gostara. Não havia nada no mundo além da cena diante dele. O menino observava o homem de toca de nataçãõ lutar contra a maré. Braçada após braçada, músculos contra a natureza, força de vontade desafiando primitivas forças brutas. A multidão estava de pé incentivando o nadador, movimento a movimento, centímetro a centímetro, até que Jack LaLanne saiu da água e os repórteres correram para encontrá-lo. Ele estava ofegante, os lábios, azulados, mas sorria. Os repórteres desamarraram seus pulsos, tiraram a corda de sua cintura. A multidão enlouquecia. Elaine entrou no mar e Jack a ergueu em seus braços como se ela fosse uma pena.

A praia estava agitada. Todos sentiam que haviam testemunhado um milagre. Por um bom tempo, pensariam que qualquer coisa era possível. Passariam o dia se sentindo animadas.

E Scott Burroughs, seis anos, parado no último degrau das arquibancadas, se viu dominado por um estranho sentimento. Sentiu algo crescer em seu peito — euforia? assombro? — que o deixou com vontade de chorar. Apesar da pouca idade, ele sabia que havia testemunhado algo não quantificável, uma faceta incrível da natureza selvagem. O que aquele homem havia feito — amarrar um peso ao corpo, atar seus membros e nadar três quilômetros e duzentos metros em uma água gelada — era algo que o Super-Homem faria. Seria possível? Seria ele o Super-Homem?

— Caramba — disse seu pai, bagunçando o cabelo de Scott. — Isso foi incrível, não foi?

Mas Scott ficou sem palavras. Ele apenas fez que sim com a cabeça, os olhos fixos no homem forte à beira d'água, que havia erguido um repórter acima da cabeça e fingia que ia jogá-lo na água.

— Vejo esse cara na TV o tempo todo — afirmou seu pai —, mas achei que era só uma piada. Um fortão. Mas, cara...

Ele balançou a cabeça, maravilhado.

— É o Super-Homem? — perguntou Scott.

— O quê? Não. É... Quer dizer, é só um cara.

É só um cara. Como o pai de Scott ou o tio Jake, com seu bigode e sua barriguinha de chope. Como o Sr. Branch, seu professor de educação física de penteado afro. Scott não conseguia acreditar. Seria possível? Será que alguém poderia ser o Super-Homem caso realmente se dedicasse? Se estivesse disposto a fazer o que fosse preciso? *O que quer* que fosse preciso?

Dois dias depois, quando voltaram para Indianapolis, Scott Burroughs se inscreveu nas aulas de natação.



Uma noite de nevoeiro.  
Onze pessoas em um jatinho particular.  
Dezoito minutos após a decolagem, apenas duas delas estão vivas,  
mergulhadas no oceano em meio aos restos da fuselagem.  
Agora, só interessa saber o que aconteceu antes da queda.  
**A VERDADE PRECISA DE UM HERÓI.**

“Um dos melhores suspenses do ano, envolvente e repleto de surpresas.”

*THE NEW YORK TIMES*

“Um *thriller* formidável, que é ao mesmo tempo um quebra-cabeça intrigante, uma sátira excelente e uma dolorosa história sobre perda.”

*THE WASHINGTON POST*

“Fenomenal e arrebatador...”

**MICHAEL CUNNINGHAM, AUTOR VENCEDOR  
DO PRÊMIO PULITZER DE FICÇÃO**

